

Celebração da Eucaristia com a Renovação das promessas sacerdotais  
com os Presbíteros da Vigararia do Nascente

Igreja Matriz (Ponta delgada), 25 junho 2021

Homilia

Em cada ano somos convidados a renovar as promessas sacerdotais de modo a refontalizarmos a nossa vocação e missão sacerdotais e, assim, nas fontes da alegria retomarmos a força evangélica para a vida pastoral na fidelidade a Jesus Cristo e ao homem de hoje.

Iluminados pela Palavra de Deus que nesta celebração nos relata as palavras do profeta Isaías que são assumidas pelo próprio Jesus de Nazaré que as cita e as aplica a si mesmo e com elas nos interpela no hoje permanente da história, sentimos fortalecidos o nosso ser e a nossa missão pastoral. Igualmente apreendemos do texto do livro do Apocalipse que nos conforta e enaltece com a proclamação de Jesus Cristo como «Aquele que nos ama, que pelo Seu sangue nos libertou do pecado e fez de nós um Reino de sacerdotes para o Seu Deus e Seu Pai».

Certamente reconhecemos nas palavras de Jesus Nazaré, pronunciadas na Sinagoga da Sua terra, os fundamentos para a própria doutrina Conciliar do Vaticano II e do Magistério da Igreja até hoje, com a qual despertou a Igreja para a sua única missão que é evangelizar, servindo a pessoa e a sociedade, despojada de si mesma e dando prioridade aos excluídos e aos pobres deste mundo, em permanente diálogo com mundo de cada época da história.

A nossa diocese, atenta à urgência da renovação conciliar, tarefa permanente a exigir a conversão pessoal, comunitária e pastoral, lançou-se, apoiada também pela palavra e pelo exemplo do Papa Francisco, na caminhada sinodal com a qual se determina um novo rosto das comunidades cristãs desafiando todos os baptizados para a participação activa e consciente na missão da Igreja.

Caros irmãos, presbíteros, este novo rosto da Igreja começa por nós que temos a obrigação de presidir às comunidades cristãs, dar-lhes testemunho evangélico na pobreza, castidade e obediência e no contexto do presbitério favorecermos um clima de comunhão e de unidade de tal modo que a sinodalidade seja palpável no nosso ser e no nosso agir.

Eis a conversão que nesta hora nos é exigida.

Neste contexto de caminhada sinodal, percorrendo as intuições conciliares, dedicamos este ano e os próximos a uma reflexão exigente sobre o que se pede à Igreja para ser verdadeiramente evangelizadora, dado que esta é a sua tarefa única e imprescindível. Nós próprios, presbíteros, fomos interpelados a uma revisão de vida pessoal, em presbitério e pastoral sobre o que a Igreja nos pede, tratando o perfil evangelizador do presbítero.

Estamos integrados na Igreja, somos presbíteros ao serviço da Igreja e como tal importa conformar a nossa vida e ministério às exigências da Igreja.

A revisão de vida que nos foi proposta assentava em três grandes áreas da vida e ministério dos presbíteros. A primeira refere-se ao presbítero como o homem de Deus que vive uma profunda comunhão com Deus e, como tal, faz pensar em Deus; a segunda realça no presbítero a sua identidade de homem de comunhão que a vive no presbitério e a edifica na comunidade cristã à qual preside; a terceira sublinha no ser e na missão do presbítero a sua pobreza pessoal e a sua identificação com os pobres.

Não tenhamos a menor dúvida, a credibilidade, mas também as alegrias do nosso sacerdócio passarão por estes objetivos que constantemente devem merecer a nossa atenção e conversão.

Há em nós muitas resistências, ainda há muitos indícios do passado, estamos constantemente a ser tentados para vivermos e actuarmos à maneira do mundo, por isso, maior vigilância, humildade, caridade e mútuo apoio necessitamos de estabelecer entre nós.

A formação permanente que integre a reflexão pastoral, que valorize a dimensão intelectual, afectiva, corporal, humana e espiritual é fundamental e para a qual todos nos devemos sentir ávidos.

Mas é igualmente necessária a permanente adesão à oração, à oração da Igreja na liturgia das Horas, à vida sacramental, na frutuosa celebração da Eucaristia e no assíduo recorrer ao sacramento da reconciliação, ao estilo de vida simples, austero, no afinar os nossos critérios pelas bem-aventuranças e em diálogo sincero e interajuda no presbitério.

Estamos todos cansados e fustigados por esta pandemia que afectou fortemente as nossas vidas e as nossas comunidades. Pede-se-nos uma atenção privilegiada para os que vão ser as suas grandes vítimas. Ser-nos-á exigido muito trabalho e iniciativa pastoral para reanimar as nossas comunidades e as suas diversas actividades, mas sobretudo, teremos de estar atentos e capacitados para ajudarmos a renascer destas cinzas uma nova humanidade fermentada pelos valores do Evangelho.

Foi com este objectivo que o Papa Francisco nos brindou com o riquíssimo texto da Encíclica «Fratelli Tutti», Todos Irmãos. Pedia-vos que meditássemos neste texto e que o aplicássemos à nossa forma de ser e edificar o presbitério diocesano. O convite à sociedade de amizade deve ter eco antes de mais em nós sacerdotes.

Há algo de novo que está a surgir, não o vedes? Com esta expressão profética (Is. 43,19), somos chamados a desinstalarmo-nos, a despojar-nos das nossas autorreferências e, na liberdade de quem se entrega a Deus e aos irmãos, limpamos o nosso olhar para contemplar a novidade que Deus permanentemente nos oferece com a qual nos interpela.

Termino com uma referência à homilia do Papa Francisco na ordenação de novos presbíteros, há alguns meses atrás. Num dado passo refere-se à proximidade que deve caracterizar o presbítero que articula em quatro direcções: «proximidade a Deus, proximidade ao bispo, proximidade uns dos outros, proximidade ao povo de Deus».

Especifica realçando que «o estilo de proximidade, que é o estilo de Deus. Mas o estilo de Deus é também um estilo de compaixão e de ternura».

Daí o desafio lançado ao dizer: «não fecheis o coração diante dos problemas. E enfrentareis muitos! Quando as pessoas vierem ter convosco para vos contar os problemas e para ser acompanhadas... Dedicai tempo para as ouvir e consolar».

Na verdade, «a compaixão, que te leva ao perdão, à misericórdia. Por favor: sede misericordiosos, sede perdoadores. Pois Deus perdoa tudo, não se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir perdão. Proximidade e compaixão. Mas compaixão terna, com aquela ternura de família, de irmãos, de pai... com aquela ternura que te faz sentir que estás na casa de Deus».

Imploro de Nossa Senhora, Mãe e Rainha dos Açores, e de S. José, neste ano a ele dedicado, que abençoem o nosso presbitério e cada um dos nossos sacerdotes, nos conduzam à fonte da alegria e nos fortaleçam na missão renovadora da nossa Igreja diocesana.

Âmen

+João Lavrador, Bispo de Angra e Ilhas dos Açores